

EDITORIAL

O número 1 do volume 66 da Revista Brasileira de Geografia traz uma resenha, dois artigos e um ensaio. A resenha de Guilherme Pereira Cocato, mestrando em Geografia da UNESP/Presidente Prudente, nos apresenta o livro “Modo de vida imperial: Sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global”, de Ulrich Brand e Markus Wissen, lançado no Brasil em 2021 pela Editora Elefante. Como o título anuncia, o modo de vida imperial se produz a partir da superexploração do trabalho e da destruição da natureza. Os autores são ativistas e pesquisadores alemães que destacam a crise socioambiental em que a atual fase do capitalismo lançou o conjunto do planeta.

O artigo “O que é uma ilha? Os horizontes da insularidade”, de Matheus Sartori Menegatto, mestre em Geografia pela USP e professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP), traz uma importante discussão acerca dos aspectos geomorfológicos, ambientais, linguísticos, culturais e geopolíticos vinculados à condição de insularidade. O autor explora vasta bibliografia sobre os diferentes aspectos do tema, ressaltando a complexidade desta condição e a necessidade de avançarmos em sua compreensão, pela importância que representa para os campos do ensino e da pesquisa em Geografia.

O outro artigo – “Associação entre rotas fluviais e terrestres na ligação entre o litoral e os sertões de Minas Gerais”, de Patrícia Gomes da Silveira, doutoranda em Geografia pela UFRJ, aborda a importância dos circuitos que entrelaçaram rotas fluviais, caminhos terrestres e pequenos povoados entre o litoral e os sertões, ao longo do século XVIII em Minas Gerais. A autora desenvolve uma abordagem que destaca a importância das bacias fluviais para viabilizar o trânsito entre as capitanias e delas com o litoral, fundamental para o abastecimento dos povoados, vilas e cidades que rapidamente apareceram em função da atividade mineradora.

Finalizando o volume temos um ensaio do professor Roberto Lobato Corrêa que aborda a questão dos modelos em Geografia. Ele destaca as polêmicas que acompanharam a introdução do tema na Geografia brasileira na década de 1970, os tipos de modelos e suas funções, além de apresentar uma proposta de classificação.

Nesta edição, a Revista Brasileira de Geografia homenageia três geógrafos que fizeram parte dos quadros do IBGE. O geógrafo e professor Jorge Xavier da Silva, do departamento de Geografia da UFRJ, a geógrafa do IBGE e professora da ENCE Marilourdes Lopes Ferreira, e o professor João Baptista Ferreira de Mello, que atuou profissionalmente no IBGE e mais tarde no instituto de Geografia da UERJ.

O professor Xavier – como era conhecido entre alunos e profissionais da área de Geografia e geoprocessamento – concebeu e dirigiu o Laboratório de Geoprocessamento –

LAGEOP/UFRJ, onde dedicou-se à estruturação de bancos de dados geográficos em formato digital, tema em que foi pioneiro na Geografia brasileira e sobre o qual orientou inúmeras pesquisas de mestrado e doutorado. Era especialista em gerenciamento costeiro, tendo participado de estudos sobre o litoral carioca. Neste contexto, foi concebido o SAGA – Sistema de Análise Geoambiental, fornecendo suporte computacional às pesquisas. Para uma visão mais ampla da vida do professor Xavier, indicamos a entrevista publicada pela RBG em seu volume 62, nº 1, de agosto de 2017, coordenada pelos professores Marcelo Latuf, Rodrigo Pisani, Daniel Bando e Sandra de Azevedo, todos da Universidade Federal de Alfenas.

A geógrafa e professora Marilourdes Ferreira compôs os quadros do IBGE, onde iniciou sua trajetória profissional num cenário de influência do marco teórico da Geografia quantitativa, à qual incorporou a perspectiva dos estudos regionais. Além de contribuir para a estruturação da área de Geografia no IBGE, exerceu atividades de ensino e pesquisa na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) e no departamento de Geografia da UFRJ.

O geógrafo e professor João Baptista de Mello também compôs os quadros do IBGE, tendo ingressado, posteriormente, no instituto de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Dedicou-se ao ensino acadêmico com ênfase em Geografia cultural, tendo desenvolvido o projeto Roteiros Geográficos do Rio. Sua tese de doutorado – *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991* – foi um marco para as pesquisas na área de música e geografia.

Estes valorosos profissionais, que tanto contribuíram para o avanço no campo dos conhecimentos geográficos no Brasil, nos deixaram no primeiro semestre de 2021. Fica aqui registrada nossa homenagem à sua memória e ao seu legado. Agradecemos a Luiz Cavalcante Bahiana, Lana Lima e Adma Hamam de Figueiredo/Zeny Rosendahl, respectivamente, pelas informações acerca de cada um destes profissionais.

Conselho Editorial da RBG